

## A transmissão de um falar-mulher na poética de Cora Coralina e Leodegária de Jesus

Lorena Amorelli Reinato  
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia*  
*Universidade Federal de Goiás. Bolsista FAPEG.*  
*lorenaa.reinato@gmail.com*

*Simpósio Temático n° XLIII – “ESCREVIVÊNCIAS” E MEMÓRIA: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA FEMININA COMO FORMA DE CONHECIMENTO MARGINAL E CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA COLETIVA*

### RESUMO

O trabalho propõe valer-se da poética de Cora Coralina e Leodegária de Jesus como *escrevivência* do feminino na poética goiana do início do século XX. A partir das obras das autoras citadas, pretende-se rastrear as ressonâncias do falar-mulher na transmissão de um saber feminino situado além da ordenação fálica. Para isso, foram utilizadas a noção de *escrevivência(s)*, de Conceição Evaristo, e a psicanálise de autoria feminina, nomeadamente: Sabina Spilrein, Julia Kristeva e Luce Irigaray. Questiona-se o domínio discursivo que reitera a proibição à mulher de fazer ouvir algo de si e do seu gozo, e, assim, mantém intacto o mito que sustenta a dominação masculina. Consta-se que a noção de *escrevivência* dialoga com a proposta de um falar-mulher, oferecendo ferramentas para realçar os meandros que a História falseia e esconde. A poética, então, é tomada como gesto de transmissão de um saber-fazer com o gozo feminino que não o costure na lógica de troca do patriarcado. A poética de Cora e Leodegária são escritas de resistência uma vez que deixam o rastro para transmissão de um falar-mulher, de um outro dizer para dizer de outros gozos.

**Palavras-chave:** Falar-mulher, Feminino, Poesia, *Escrevivência*.

### ABSTRAT

This article proposes to understand the Cora Coralina's and Leodegária de Jesus's poetics as a writing of the feminine in the poetics of Goiás at the beginning of the 20th century. Based on these works, it is intended to trace the resonances of essentially speaking in the transmission of female knowledge beyond the phallic order. For this, the notion of *escrevivências*, by Conceição Evaristo, and the psychoanalysis of female authorship were used: Sabina Spilrein, Julia Kristeva and Luce Irigaray. The discursive domain that reiterates the prohibition of women to make something of themselves and their enjoyment heard, and, thus, keeps intact the myth that sustains male domination was interrogated. It appears that the notion of *escrevivência* dialogues with the proposal of a essentially speaking, offering tools to highlight the shadows that History falsifies and hides. The poems were take as a gesture of transmission of know-how with the feminine jouissance that does not sew it into the logic of exchange of patriarchy. The poetics of Cora and Leodegaria are writings of resistance as they leave the trail for the transmission of a woman-talk, of another saying to say of other joys.

**Keywords:** Essentially Speaking, Feminine, Poem, *Escrevivência*.

## INTRODUÇÃO

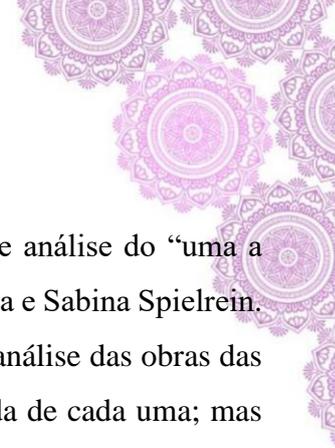
O trabalho emerge do reconhecimento dos alcances da escrita na trajetória de vida de um povo e de um sujeito. Escrever é um ato que marca os limites da língua e desenha as desrazões do corpo, tornando-o lugar de memória e reinvenção. Na sequência tracejada pela palavra, o fazer poético ganha uma silhueta única, bordando e fazendo borda ao intraduzível. Nesse sentido, podemos ler em Kristeva (2017) que escrever é uma experiência de “estrangeirar-se” e a escrita, bem como estar vivo, é uma redescoberta do alfabeto e do sentido da letra e, assim sendo, torna-se possível “traduzi-lo e retraduzi-lo para além de inimagináveis renascimentos” (KRISTEVA, 2017, p.14).

Em outro horizonte, Conceição Evaristo nos reapresenta às histórias na sua função de incomodar e revirar o presente em busca dos silêncios do tempo escrito e não dito. A escrevivência manifesta-se para incitar e provocar a fala e a escrita ignorada e recusada e, portanto, nos coloca em direção ao desvelamento da política de esquecimento como estratégia colonial. Aqui, estrangeirar-se ganha sentidos penosos e implacáveis para aqueles que habitam os brasis. Desses sentidos, a poética não se presta somente ao deleite ou ao jorro gozoso do sensível, mas se inscreve na nossa história como corte em carne viva das suturas excruciantes desta sociedade.

Nessa direção, propõe-se a leitura da poética de Cora Coralina e Leodegária de Jesus como escrevivência do feminino no interior de Goiás no início do século XX. A guinada ao interior, a escolha pelo interiorizar-se, é um contraponto aos olhos que se lançam ao estrangeiro; sincronicamente, busca-se internamente o estranhamento necessário para descortinar as relações de domínio e opressão tangidas até aqui. Não obstante, aposta-se que estas duas autoras contribuíram para a construção de uma narrativa não-hegemônica que trouxe frestas na figuração da história contada e, sobretudo, fizeram das suas vozes instrumento de partilha da experiência da mulher no sertão goiano.

Entretanto, seria lamentável e logicamente equivocado tomar tais escritoras a partir da perspectiva universalizante da mulher e do feminino. Não se trata, pois, de encontrar a essência feminina ou a mulher em sua expressão exata, uma vez que assim procedendo incorreríamos em um erro de sobreposição que reafirmaria lugares de opressão e privilégio. Tampouco concerne a tendência de traçar um comparativo entre uma e outra, visto que esta também seria uma estratégia tipicamente patriarcal que hierarquiza subjetividades e as coloca em relações fálicas e mercadológicas de disputa e competitividade.

Logo, não seria coerente qualquer escolha metodológica que traçasse linhas de interpretação próximas ao que se pretende desnudar. Portanto, para melhor abordar as palavras destas poetisas e



fazê-las ouvidas do seu lugar próprio de enunciação, utilizar-se-á o método de análise do “uma a uma” embasado na leitura psicanalítica proposta por Luce Irigaray, Julia Kristeva e Sabina Spielrein. Ressalta-se que essa escolha, contudo, é feita com a responsabilidade de que a análise das obras das autoras não se direcione unicamente para aspectos pessoais da trajetória de vida de cada uma; mas que dessa vida, marcada por um tempo específico e um local determinante, seja possível esboçar os riscos que nos enlaçam às experiências de outrora e de tantas outras (outras como nós!).

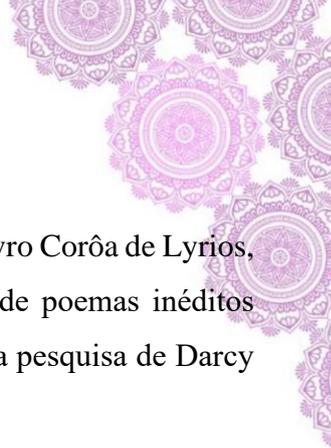
Para isso, o trabalho será organizado em três momentos: no primeiro, apresentaremos a poética de Leodegária de Jesus; no segundo, será apresentada a poética de Cora Coralina e no terceiro poetisas e poéticas serão convidadas a dialogar com o falar-mulher de Luce Irigaray e a escrevivência de Conceição Evaristo. Destaca-se que este trabalho foi embasado no dossiê n. 16 produzido pela L.E.R (Leitura em Revista) intitulado “Cora Coralina e Leodegária de Jesus: 130 anos de nascimento”.

## **DESENVOLVIMENTO**

A poética de Leodegária de Jesus pode ser lida em duas publicações: Corôa de Lyrios (1906) e Orchideas (1928). Corôa de Lyrios é o primeiro livro de poemas escrito por uma mulher e publicado em Goiás; Orchideas, por sua vez, foi o segundo livro de Leodegária, mas também a segunda publicação de autoria feminina no estado. Suas obras foram pioneiras na literatura feminina goiana, fato que atribuiu a ela um importante papel na trajetória posterior de inúmeras autoras goianas. Sobretudo, Leodegária era uma poetisa negra que publicava a história de seus amores e sofrimentos em um estado fortemente marcado pelo coronelismo e francamente racista e patriarcal.

Segundo Streglio e Lima (2015), uma temática recorrente na obra de Leodegária é o amor, ora ideal, ora doloroso. Rezende (2020) destaca na obra da poetisa a importância dos deslocamentos e o impacto destes na vida e obra de Leodegária; a autora argumenta que a poética de Jesus respondia a ânsia pelo compartilhamento de suas vivências, eram “escrevivências” das chegadas e partidas da jovem pelo território goiano. Considera-se, portanto, que

para Leodegária de Jesus, uma jovem negra, de 17 anos de idade, publicar um livro, em Goiás, em 1906, foi um grande ato político para a sua geração e para as próximas até os anos 1950. E tem sido um grande ato político para as mulheres negras de Goiás até hoje. (REZENDE, 2020)



Para fins deste estudo, destacarei dois poemas, sendo eles: “Símile”, do livro Corôa de Lyrios, e “Rio Bagagem” publicado por Darcy França Denófrío (2001) na coletânea de poemas inéditos intitulada “Lavra de Goiás III: Leodegária de Jesus”. É fundamental destacar a pesquisa de Darcy Denófrío como valiosa contribuição para a literatura feminina em Goiás.

Dentre as temáticas frequentadas por Leodegária, é recorrente a transição de um estado etéreo e cândido para um melancólico e solitário. A passagem construída pelo eu-lírico de uma condição de sonho e deleite para uma conjunção sombria de tristeza e dor convida o leitor para aproximar-se um pouco mais. No rastro deixado pelas palavras, vemos a vida se transformar e perder um tanto de beleza, saindo de cena para figurar o encanto pela morte; esta, por seus termos, torna-se investida de um fascínio carregado de desafogo e atenuação. Lemos:

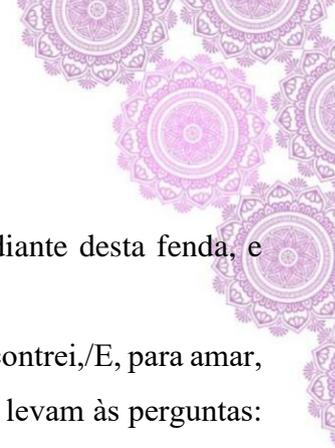
#### Símile

Quando vivemos, a sonhar amores,  
Quando não temos a ilusão perdida,  
Quando nossa alma não padece dores,  
Morrer é triste! Como é linda a vida!

Mas se nos fere o espinho da tristeza,  
Se maltratados somos pela sorte,  
Se nos é dado o cálix da incerteza,  
Viver é triste! Como é doce a morte!  
(JESUS, 1906)

Os sentidos suscitados são inúmeros e não se pretende esgotá-los em interpretações suntuosas e generalistas, uma vez que a grandiosidade da experiência de leitura reside na impossibilidade de reproduzir o leitor. Nesse sentido, cabe ao leitor, em cada experiência da leitura, imprimir algo da sua voz e do seu dizer; bem como escutar-se onde só o silêncio alcança. Sigo até onde minha leitura me carrega e dessa bagagem que me cerca e cerceia posso compartilhar algum percurso, incompleto por excelência e falho como premissa.

Dessa maneira, destaco o efeito de similitude causado pela repetição de um núcleo de estrutura (Morrer é triste – Viver é triste/ Como é linda a vida! – Como é doce a morte!). Esta repetição se apresenta tal qual um espelhamento no qual a estrutura similar carrega um desvio significativo de sentido. O espelhamento repete uma estrutura, tornando interessante metaforizar a imagem produzida pelo espelho, objeto que devolve ao sujeito sua “imagem e semelhança”. Contudo, a imagem duplicada não é a mesma imagem e, atravessado pelos efeitos da reflexão, podemos afirmar que não se trata também do mesmo sujeito. Entre a imagem real e a imagem do espelho atravessa um impossível, impõe-se um buraco na imagem, o qual provoca o efeito de estranhamento provocado



pela passagem da vida para a morte. Leodegária coloca o leitor, em *Símile*, diante desta fenda, e parece entrever que a similitude guarda e carrega seus perigos e asfixias.

Na poesia “*Mutação*” a poetisa escreve: “mas que mudança! um dia te encontrei,/E, para amar, somente a tua imagem,/ Estrelas, flores, tudo desprezei!” (1906). Os versos nos levam às perguntas: quem lhe causou tamanha transformação? O que lhe mutou? De que imagem se trata? Há inúmeras respostas para essas questões que tem sido abordadas por um número cada vez maior de escritoras e pesquisadoras; qualquer resposta produzida e entregue no corpo desse texto seria apenas uma linha de contenção diante do fluxo infinito de perspectivas que poderiam se revelar caso se sustentasse tais perguntas no estatuto do ainda sem resposta.

Porém, podemos nos delongar um pouco mais nessas interrogações. Em “*Mutação*”, Leodegária traz uma temática recorrente nas relações amorosas, a saber: o abandono sacrificial de si para encarnar a imagem fantasiada pelo parceiro(a). As relações amorosas construídas e perpetuadas até aqui se organizam segundo uma estrutura de comunhão a partir da qual deveríamos fazer um de dois, isto é, amar implicaria um estado de simbiose. Contudo, esta maneira de nos associar amorosamente trouxe e traz efeitos sensíveis e devastadores para os envolvidos, uma vez que, para que possamos performar esta união é comum e habitual que uma das partes precise abdicar de si e do seu modo de gozar; enquanto a outra ama a si mesma na imagem ficcionalizada de sua parceria amorosa.

Certamente um dos equívocos do amor reside em torná-lo um jogo de semelhanças e similitudes, pois é exatamente nessa tentativa de encontrar a si mesmo no outro que o intento de amá-lo, em sua diferença radical e absoluta, falha. Por outro lado, a tentativa de colar-se à imagem ideal imaginarizada pela parceria amorosa afim de que, assim, seja alcançado o encaixe perfeito e a união duradoura, resulta também em outra tentativa fracassada, visto que dessa forma aliena-se ao desejo e ao intento do outro, perdendo-se de suas próprias formas e desejos e modos de gozo.

Não obstante, devido à forma de organização cultural e às estruturas sociais que nos contextualizam e conduzem, as mulheres são aquelas que mais diretamente são instruídas e edificadas para frequentar uma posição no amor na qual o seu desejo e gozo podem ser negligenciados e esquecidos em nome do amor do parceiro. Por isso, ainda hoje observamos repetidamente o abandono dos sonhos e intentos femininos nas parcerias amorosas, sobretudo heterossexuais. Essa abdição tem consequências franca para os sujeitos envolvidos, mas também ressoa ruidosamente na nossa história, compondo uma nota significativa no esquecimento e no apagamento das narrativas femininas.

É nesta toada que chamo para a prosa a autora Cora Coralina, para quem a participação na semana de arte moderna em 1922 foi negada pela voz do marido. Porém, é certo que o melhor de Cora não é algo que se conte somente pela relação matrimonial ou pelo seu fazer de doceira que lhe rendeu um reconhecimento local. A fim de evitar as resoluções breves, prefiro prosseguir com a trajetória trazendo para a tessitura retalhos do poema de Cora Coralina, “Cora Coralina, Quem é você?”.

Sou mulher como outra qualquer.  
Venho do século passado  
e trago comigo todas as idades.  
(...)

Numa ânsia de vida eu abria  
o vôo nas asas impossíveis  
do sonho.

Venho do século passado.  
Pertencço a uma geração  
ponte, entre a libertação  
dos escravos e o trabalhador livre.  
Entre a monarquia  
caída e a república  
que se instalava.

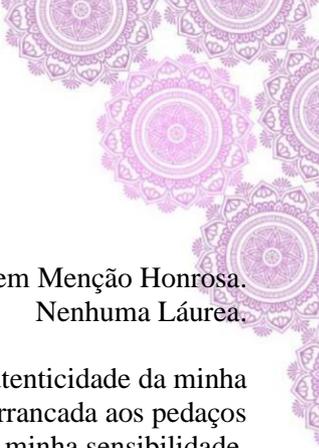
Todo o ranço do passado era  
presente.  
A brutalidade, a incompreensão,  
a ignorância, o carrancismo.  
(...)

Os métodos de ensino eram  
antiquados e aprendi as letras  
em livros superados de que  
ninguém mais fala.  
(...)

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.  
Sempre houve na família, senão uma  
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada  
a essa minha tendência inata.  
Talvez, por tudo isso e muito mais,  
sinta dentro de mim, no fundo dos meus  
reservatórios secretos, um vago desejo de  
analfabetismo.  
(...)

Foi assim que cheguei a este livro  
sem referências a mencionar.

Nenhum primeiro prêmio.  
Nenhum segundo lugar.



Nem Menção Honrosa.  
Nenhuma Láurea.

Apenas a autenticidade da minha  
poesia arrancada aos pedaços  
do fundo da minha sensibilidade,  
e este anseio:  
procuro superar todos os dias  
minha própria personalidade  
renovada,  
despedaçando dentro de mim  
tudo que é velho e morto.

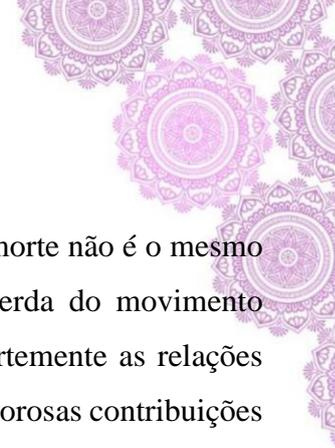
Luta, a palavra vibrante  
que levanta os fracos  
e determina os fortes.

Quem sentirá a Vida  
destas páginas...  
Gerações que hão de vir  
de gerações que vão nascer.  
(CORALINA, 2002)

Certamente a melhor maneira de apresentá-la seria por suas próprias palavras, assim é a Cora que recria seu nome e se refaz mulher nos seus versos. Antes de Cora Coralina existira uma menina na qual se via o “retrato vivo do velho pai doente” (CORALINA, 2017); essa menina “triste, nervosa e feia” desabrigou as pertencas de nome e sobrenome para recriar-se vermelha, tal como o rio que corta Goiás. Apesar de escrever desde os 14 anos, Cora publicou seu primeiro livro (“Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”) aos 75 anos.

De suas palavras, é possível passear os olhos pela laceração presentificada no ato da escrita que tenta dizer do seu tempo. Revirar-se era matéria primorosa na busca pela emancipação, pois permitiria evadir-se de tudo que a acorrentava ao passado morto. Paralelamente, o eu-lírico coralino funda-se em uma espécie de contratempo, em um lugar de passagem, de transição, de um tempo passado para um tempo futuro. A poetisa cria em seus versos uma arquitetura transitória do presente.

Nas palavras coralinas é possível ler a tese de Sabina Spielrein na qual a destruição está na origem do devir. No ato de despedaçar em si o que é velho e morto para fazer surgir o novo encontramos a destruição preenchida de desejo de mudança; a qual se difere consideravelmente da interpretação funesta na qual a morte se apresenta como saída possível para um mundo no qual a vida se apresenta triste e a morte, doce. Aqui é importante localizar uma diferença crucial para nossos tempos: há desejo na morte, isto é, na finitude; mas isto não é o mesmo que querer morrer. Temos assistido a um grande crescimento dos números de morte auto-infligida e é urgente trazer essa



discussão para os circuitos de produção de conhecimento e saber. O desejo na morte não é o mesmo que a ideação suicida, posto que este frequentemente é signo de alguma perda do movimento desejanter. Sobre isso, é possível travar uma ampla discussão que perpassa fortemente as relações sociais estabelecidas. Considera-se que a poética de Leodegária de Jesus traz valorosas contribuições para versar sobre tal temática; contudo, como não é este o intento do trabalho, deixarei esta janela aberta como indicação futura para a construção de trabalhos posteriores.

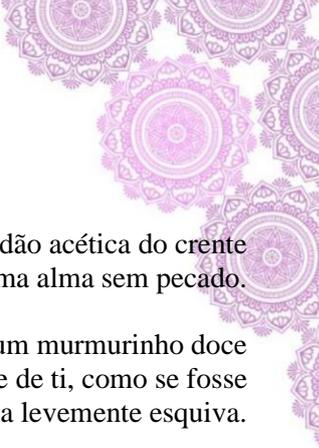
Feita a ressalva anterior, realço que a potência de Leodegária de Jesus e Cora Coralina só pode ser compreendida quando situada em seu território: Goiás. Um estado no centro do Brasil distante dos grandes centros culturais, eminentemente rural com forte tradição agropecuária e amplamente marcado pela tradição patriarcal coronelista. A história de Leodegária entrelaçou-se a de Cora pela Rosa, jornal fundado e dirigido por Leodegária de Jesus destinado à publicação de poemas e contos (SILVA, 2008). Faz-se necessário demarcar que nesse enlaçamento, contudo, há relações díspares entre as duas poetisas fortemente perpassadas pelo racismo. Leodegária nunca recebeu o reconhecimento e o prestígio do qual pôde desfrutar Cora; não obstante, também fora impedida de ingressar no Lyceu em sua juventude. Por isso, ainda que espacialmente e temporalmente fossem contemporâneas, seria impossível nomeá-las e apresentá-las do mesmo lugar.

Retoma-se a questão das similitudes e semelhanças, pois tornar o outro uma imagem semelhante a si é o ato que estrutura as diversas relações de poder e opressão. É, assim, necessária cautela nas aproximações de discursos igualitários que pretendem uma união sem furos e são construídos de modo a costurar todos os buracos e fendas; sem dúvida, essa união, se não tomada como impossível, é trágica e totalitária, servindo como mais uma das faces cruéis de confirmação e disseminação do discurso hegemônico.

Se a aposta está em construir uma via de diálogo, ela necessariamente acontece através da preservação de lugares de enunciação heterogêneos; na construção de uma arquitetura possível, de passagem e fugidia entre subjetividades tão distintas. Nessa arquitetura suposta entre as construções líricas, seria possível imaginar Leodegária flutuando novamente em direção à sua alma sonhadora em Rio Bagagem:

Belo rio que passas indo indolente  
E, assim, tranquilo, límpido, calado,  
À sombra da floresta rescendente,  
Por árvores floridas amparado;

Na tua superfície transparente,  
Como que existem, rio sossegado,



A mansidão acética do crente  
E a limpidez de uma alma sem pecado.

De vez em quando, um murmurinho doce  
Se desprende de ti, como se fosse  
Uma carícia levemente esquiva.

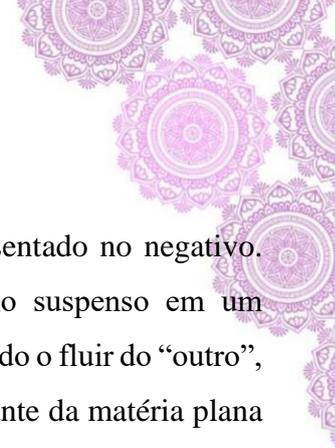
Como é grato à minh'alma sonhadora,  
Nesta claríssima praia acolhedora,  
Contemplar-te a corrente fugitiva.  
(JESUS, 1930 *apud* DENÓFRIO, 2001)

Um rio-bagagem pode ser imaginado como a arquitetura possível entre duas margens. Este fluxo constante que leva e traz e faz ponte entre os limites terrenos, nunca o mesmo ainda que permanentemente ali para todas as gerações sedentas. Mais ainda, essa corrente fugitiva maestra da carícia leva e traz consigo a bagagem encontrada no leito, um deleite transmitido entre margens; descoberto em frestas e passagens. Nesse rio, que não é um só e é menos ainda localizável, encontram-se ressonâncias de um saber escrito e construído entre mulheres, o qual percorre os meandros de um fazer transmitido às margens do restrito ofício passado de pai para filho. A poética das autoras pode ser tomada como um gesto de transmissão de um saber-fazer com o gozo feminino que não o costure na lógica de troca e representações do patriarcado.

Luce Irigaray (2017) adiciona à discussão a noção de que a geografia do gozo feminino seria diversificada e múltipla, enquanto a feminilidade seria a projeção de uma especularização masculina que subsumiria o desejo feminino. A autora constrói seu argumento em torno do esforço para tocar uma linguagem não prescrita pelo falocratismo. Para isso, se lança em busca de um “falar-mulher”, que, no entanto, também implica o “falar (como) mulher” (IRIGARAY, 2017), isto é, atravessar o discurso hegemônico, porém sem se deixar totalmente atravessada por ele. A proposição da autora sobre um falar-mulher busca a produção de um discurso no qual a mulher não seria sujeito e/ou objeto (a mulher que fala ou falar da mulher), mas haveria um lugar para o feminino no discurso; deste lugar as mulheres poderiam, por exemplo, falar aos homens.

Cabe ressaltar que o ponto de partida de Luce Irigaray sobre as mulheres não se refere à diferença sexual enquanto mera genitalidade. A autora, em uma revisão das obras de Freud e Lacan a partir do questionamento filosófico sobre a alteridade, constrói o debate em torno da mulher como o outro recalcado e excluído do discurso dominante; discurso este no qual a psicanálise participa ativamente ao intentar colocar-se como produtora de verdades sobre a sexualidade.

Com isso em vista, acompanha-se a toada de Luce Irigaray até o espelho, objeto-metáfora da organização fálica. Para ela, seria preciso atravessar novamente o plano especular a procura do sujeito



que firmou no reflexo sua imagem e o suposto outro, deixado de fora, representado no negativo. Assim, “interpretar a intervenção do espelho, o que ele terá mantido como suspenso em um atordoamento irrefletido de seu brilho, o que ele terá fixado em seu corte, congelado o fluir do “outro”, e vice-versa, é claro: é isso que está em jogo.” (IRIGARAY, 2017, p. 174). Diante da matéria plana e irreflexiva, há que se inventar, projetar e sonhar uma dobradura, uma curvatura, um furo, uma passagem, alguma saída.

Nesse contexto, as escrevivências sobrevivem como um falar-fazer daquelas que não encontraram representação nas bordas especulares do ideal constituído socialmente. Seria, portanto, um erro contornar essa noção com as fronteiras de uma fala chegada do estrangeiro. A profundidade da escrevivência perpassa a disrupção de trazer para a palavra o gesto da Mãe Preta, escravizada para realizar a função de cuidado da família colonizadora e cerceada “em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande” (EVARISTO, 2020, p. 30). Desse modo, o gesto da escrita ultrapassa a passividade da leitura e aquela que escreve a si própria amplia as margens ao seu entorno, ecoando as vozes de uma coletividade. É por isso que a visada da escrevivência tem como horizonte a coletividade e não se restringe à escrita narcísica (EVARISTO, 2020).

Seria viável imaginar uma aproximação entre a escrevivência e o falar-mulher na suposição de que as duas noções pretendem trazer para a palavra e para a experiência os silêncios contidos na e pela História. Sobretudo, a maneira de produzir a fala e a escrita tomam o rumo contrário ao domínio discursivo, buscando antes a interrogação (EVARISTO, 2020) e a perplexidade (IRIGARAY, 2017). Desse modo, não são de forma alguma noções cunhadas para alimentar os delírios intelectuais, mas tracejadas em carne e corpo no intento de inscrever existências que até então eram proibidas e censuradas. Essa inscrição, contudo, não é mera atribuição de signos e significados e não é qualquer escrita, pois ela porta o valor de restituição da memória desvanecida. Parte da memória apagada diz respeito precisamente ao modo de organização das mulheres e, sobretudo, da nossa participação ativa e presente enquanto sujeitos históricos, isto é, como sujeitos que fiam e tecem as malhas da história.

Entre Leodegária e Cora ratificamos, por exemplo, a importância da escrita e publicação que ocorre de modo autônomo e independente à corrente tradicionalista da academia e dos cânones editoriais. É igualmente interessante destacar a importância da criação e manutenção de organizações que reúnam mulheres em torno das suas próprias produções, circulando e partilhando o saber. Da mesma forma, podemos constatar as diferenças abissais que habitam as relações entre mulheres, dentre as quais o racismo sem dúvida materializa sua marca em carne viva e nos impõe a



responsabilidade de estarmos sempre atentas e vigilantes com as dinâmicas instauradas pelas relações de poder.

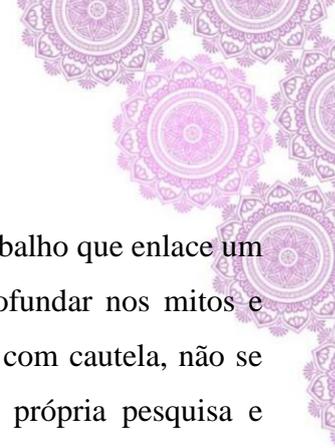
Pelo exposto, considera-se que a poética de Cora e Leodegária são escritas de resistência deixando rastro para transmissão de um falar-mulher, de um outro dizer para dizer de outros gozos. Essa consideração parte da observação dos efeitos da escrita das duas poetisas no cenário goiano atual, o qual se caracteriza pela forte presença de mulheres nos espaços de autoria/edição e envolvidas diretamente com questões relativas ao feminino na literatura. Não obstante, a experiência evocada nos versos das poetisas nos convida a interrogar com curiosidade as esquinas do pensamento e da subjetividade das autoras, procurando, muito provavelmente, algo para nos atermos e nomearmos como nosso. É preciso reconhecer nesse movimento uma busca identificatória que precisa ser lida a partir da compreensão de que há um hiato na partilha das memórias e ocupações daquelas que nos antecederam. Assim, parte da escrita de nós é também reescrevê-las em nós e com elas fazer laços. Essa rede não se finda como propriedade privada que almeja capturar um dizer a medida em que se lança, novamente e uma vez mais, à próxima margem e leva consigo o rio-bagagem para quem saiba deixa-lo fluir.

## CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alfabeto tornou-se meu órgão de gozar o tempo fora do tempo  
(KRISTEVA, 2017)

Este trabalho alinhou-se ao movimento de descortinar a memória feminina construída às margens da historiografia tradicional e buscou percorrer a maneira pela qual essas duas poetisas encontraram formas de representar a si mesmas e o mundo através dos seus versos. Na poética de Leodegária e Cora, intentou-se ressaltar as marcas singulares de cada autora. Ao aprofundarmo-nos na reconstrução de memórias e narrativas femininas, descortinaram-se diferenças e semelhanças, cisões e continuidades, caminhos sem fim e sem meio também. Nos defrontamos com a tarefa ética de não nos estabelecer no lugar do mesmo, isto é, uma tarefa ética de desautorizar-se do absolutismo e do intento de ocupar o lugar ideal e unívoco. Trata-se, certamente, da tarefa ética de entoar o cântico recebido até aqui na própria voz, inclusive no que dela é preciso fazer-se silêncio.

Constatou-se também que a noção de escrevivência pode traçar diálogos com a proposta de um falar-mulher, oferecendo ferramentas para realçar os meandros que a História falseia e esconde,



bem como restituir a agência das mulheres na produção da cultura. Qualquer trabalho que enlace um compromisso ético e político com a emancipação das mulheres deve se aprofundar nos mitos e fantasias que cercam a concepção do feminino e da mulher e compreendê-los com cautela, não se furtando, sobretudo, da tarefa de repensar as concepções que atravessam a própria pesquisa e contribuem na direção contrária à luta pela liberdade.

Nesse aspecto, há duas considerações importantes a serem feitas. A primeira diz respeito a abordagem do feminino pela via de construção da mulher universal. Trata-se de um erro grave do qual podem resultar inúmeras premissas equivocadas. A segunda se refere ao movimento supostamente contrário, de tomá-las como um acontecimento único e sem referências; esta conduta desencadeia uma concepção que descontextualiza as mulheres de seus espaços históricos de ação e as inscreve, novamente, como sujeitos em desamparo discursivo, sem memória ou raízes.

Por fim, ressalta-se outros dois movimentos interessantes dentro da compreensão dos modos de organização das mulheres ao longo dos anos. O primeiro deles é a importância da escrita na conservação e transmissão da memória. Contudo, não se trata somente de escrever algo, mas sim de que o que se escreve tenha visibilidade e valor dentro de uma sociedade; que se inscreva. O segundo revela que a tarefa transmitida para as mulheres não se resume simplesmente na conquista de direitos civis e reprodutivos. Sem dúvida, essa luta compõe o cerne da nossa luta. Porém, ao puxarmos o fio do novelo deixado pelas gerações anteriores, notamos que a emancipação feminina deve vir acompanhada de uma mudança na base que sustenta a lógica de estruturação social.

Por isso, reitar-se o interesse em desvendar formas de estruturação que saibam prescindir da lógica fálica de ordenação e se lancem na busca por maneiras de associação nas quais seja possível viver a alteridade como diferença. O que isso significa? Esta é provavelmente uma das perguntas que cabem a cada uma tentar responder. Nesta pesquisa apostou-se que a poética de Leodegária de Jesus e Cora Coralina pode indicar possibilidades de recriação.

Ademais, considera-se que esta pesquisa não pretendeu esgotar a temática ou preencher de interpretações os meandros deixados pelos versos das poetisas, porém procurou-se causar no leitor, ou melhor, nas leitoras, o interesse de buscar por si mesmas e em seus termos e tempos, as palavras que aqui faltaram e os nexos que passaram sem registro. Antes de qualquer conclusão, preferi prezar pela insistência em uma escrita inconclusiva que se arrisca a sustentar o rio no qual cada uma pode mergulhar com sua própria bagagem e nele se divertir ao navegar por águas coralinas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. São Paulo: Global, 2002. (Obra original publicada em 1976).

CORALINA, C. Minha Infância. In: DENÓFRIO D.F. (Org): **Cora Coralina, Melhores Poemas**. São Paulo: Global Editora, 2017.

DENÓFRIO, D.F. (Org.). **Lavra dos Goiases III**: Leodegária de Jesus. Goiânia: Câne Editorial, 2001.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C.L., NUNES, I.R.; **Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

IRIGARAY, L. **Este sexo que não é só um sexo**: sexualidade e status social da mulher. São Paulo: Editora Senac, 2017. (Trabalho original publicado em 1977)

JESUS, L. **Coroa de Lírios**. Campinas: Editora Azul, 1906.

KRISTEVA, J. **Meu Alfabeto**: Ensaios de Literatura, Cultura e Psicanálise. São Paulo: Sesc, 2017.

REZENDE, T. A aesthesis afrodiaspórica na poética de Leodegária de Jesus. *Leitura EM Revista*, n. 16, p. 83, 30 abr. 2020.

SILVA, G.R. Cora Coralina e a tradição literária em Goiás. *Linguagem – Estudos e Pesquisa*, v. 12, p. 69-86, 2008.

STREGLIO, C. J. M.. A Lírica De Leodegária De Jesus: Devaneio Poético E Imagem. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015.